



XI Encontro de
Pós-Graduação
e Pesquisa
Consciência e Paz
Universidade Estadual Vale do Acaraú



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Ciência, Tecnologia
e Educação Superior

A INFÂNCIA EM *MIOPIA PROGRESSIVA* SOB O OLHAR SARTREANO

Autor(es): Daiane Maria Fernandes Silva¹ ; Maria Edinete Tomás²

¹Estudante do Curso de Especialização Ensino de Língua Portuguesa e Literatura- CENFLE - UVA; E-mail: dayannaipu@hotmail.com; ²Docente/pesquisadora do Curso de Letras – CENFLE – UVA; E-mail: editomas@hotmail.com

Resumo: O presente estudo objetiva identificar o existencialismo de Sartre (1987) no conto *Miopia Progressiva*, de Clarice Lispector (1998). Caracteriza-se como estudo analítico, baseado em pesquisa bibliográfica. Dentre os procedimentos metodológicos adotados encontra um foco teórico em dois conceitos sartreanos e um foco ficcional na personagem infantil clariceana. Constatou-se que a narrativa ficcional estudada apresenta uma criança sujeita aos conflitos existencialistas similares aos discutidos por Sartre.

Palavras-Chave: Existencialismo Sartreano; *Miopia Progressiva*; Personagem Infantil

INTRODUÇÃO

Não é novidade a estreita relação entre diferentes campos do saber e destes com a arte. Maior expressão do recém posto é o diálogo entre filosofia e literatura, hoje indiscutivelmente explorado, como bem ilustra o presente estudo. O objetivo maior do referido estudo voltou-se para perceber se as ideias de Sartre (1987), referentes ao existencialismo filosófico, poderiam ser aplicadas na interpretação da personagem infantil do conto clariceano. O estudo teve como foco observar dois conceitos básicos do existencialismo sartreano: existência e essência no conto de Clarice Lispector: *Miopia Progressiva*, coletado do livro **Felicidade Clandestina**. Para isso, além do mencionado filósofo francês, o estudo fundamentou-se, sobretudo em Nunes (1966) e Penha (1989). Possibilitou verificar-se a predominância de traços do existir na personagem infantil do conto analisado dentre outros alusivos à presença do existencialismo sartreano.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de natureza analítica com base teórica interdisciplinar. Buscou-se as linhas gerais do pensamento sartreano, optando-se pelo foco nos conceitos da existência e essência.

Tomou-se como premissa haver traços de existencialismo nas personagens adultas de romances clariceanos (NUNES,1966), daí haver maior possibilidade do mesmo ocorrer às personagens infantis do conto clariceano.

Na seleção da amostra literária, observou-se o tamanho do espaço narrativo dispensado à personagem infantil, preferindo-se o conto clariceano que a visualizasse antes da adolescência e a tomasse como protagonista, de modo a que se tivesse um quadro mais preciso da infância ficcional



XI Encontro de
Pós-Graduação
e Pesquisa
Consciência e Paz
Universidade Estadual Vale do Acaraú



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Ciência, Tecnologia
e Educação Superior

em foco. Optou-se, assim, pelo conto *Miopia progressiva*, integrado ao livro **Felicidade Clandestina**, que pareceu mais próximo do perfil de criança desejado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO OU PROBLEMATIZAÇÃO

Dentre os muitos críticos que percebem traços do existencialismo filosófico na ficção literária de Clarice Lispector encontra-se Benedito Nunes. Sem descartar outras possibilidades de interpretação da obra da autora, ele comenta a respeito: "Qualquer que seja a posição filosófica da escritora, o certo é que a concepção-do mundo de Clarice Lispector tem marcante afinidade com a filosofia da existência." (NUNES, 1966. p. 15). Fato semelhante observa-se em *Miopia progressiva*, um dos vinte e cinco contos que compõem o livro **Felicidade Clandestina**, de Lispector, publicado pela editora Rocco em 1988.

O conto em foco é narrado em terceira pessoa; sua trama envolve uma criança do sexo masculino, em processo de construção da própria consciência de si e do mundo que a cerca, nisso aflorando toda sua subjetividade através da fala de um narrador onisciente.

Como é próprio do discurso artístico clariceano, esse narrador não se preocupa em detalhar o perfil das personagens, do cenário no qual atuam nem dos demais elementos convencionalmente observados na composição da narrativa. Sabe-se que a criança protagonista é do sexo masculino, sofre de progressiva miopia, parece muito jovem e sente-se inquieta ante a dúvida de ser ou não inteligente para os adultos que a cercam. Seu perfil é construído a medida em que os acontecimentos externos influenciam seu modo de sentir e de agir, daí o privilégio do foco narrativo na subjetividade infantil.

A trama narrativa decorre da íntima relação que se estabelece entre o que ocorre no mundo social imediato da criança protagonista e seu mundo interior. Essa relação torna-se o motivo central do enredo, o que, por si, alude à questão existencialista do conto, previamente identificada por Nunes (1966), em personagens adultas de outras obras de Clarice Lispector.

Nada é dito sobre cor, classe social, idade ou preferências dessa criança, que nem chega a ser nomeada, ampliando-se o espaço e a densidade do foco narrado na relação acima referida. Tal atitude do narrador abre um leque de possibilidades, porquanto aludir a um perfil universal ou cultural de criança. No primeiro caso, o perfil da criança protagonista indicaria o percurso natural de construção da essência humanizada, prevista por Sartre (1987). No segundo caso, o perfil do protagonista mirim resultaria de um dado contexto histórico e cultural que possibilitara a Sartre um modelo de homem infantilizado, a partir do qual ele teorizara sobre os indícios de um perfil diferenciado e mais condizente para seu tempo.



XI Encontro de
Pós-Graduação
e Pesquisa
Consciência e Paz
Universidade Estadual Vale do Acaraú



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Ciência, Tecnologia
e Educação Superior

O fato é que a criança observada no conto clariceano em estudo é narrada em interação comunicativa e social exclusiva com adultos e nos efeitos que isso provoca em seu interior. Aí parecem configurar-se quatro importantes espaços na condução da narrativa, com base nos quais se percebe melhor as aproximações com o existencialismo de Sartre (1987). Isso ocorre porque o percurso da narrativa ficcional revela a criança em diferentes estágios de elaboração de uma consciência de si no mundo, desenvolvendo a própria subjetividade.

No início da narrativa, a criança é apresentada comunicando-se verbalmente com os adultos do seu entorno e, por meio disso, tomando consciência da necessidade de possuir uma autoimagem, um dado perfil psicoafetivo próprio e estável, pelo qual fosse reconhecida pelas pessoas de seu entorno social. Isso começa a ser delineado a partir do mundo exterior da criança: “Se era inteligente, não sabia. Ser ou não inteligente dependia da instabilidade dos outros. Às vezes o que ele dizia despertava de repente nos adultos um olhar satisfeito e astuto.” (LISPECTOR, 1998, p.12).

No trecho acima, nota-se indícios da inquietude infantil, de uma tomada de consciência ante a “sensação de inconsciência”, decorrente do modo como os adultos forneciam-lhe informações instáveis acerca da sua pessoa infantil; ou melhor dizendo, da inteligência infantil. Observando-se a ocorrência pelo viés universal, vê-se aqui um possível indicador de nascente processo construção do que Sartre chama de essência humana a partir da existência biológica. De acordo com Penha (1989, p.79) “ao relacionar-se com os demais indivíduos, o homem vê sua liberdade condicionada pela liberdade alheia. De sujeito, torna-se objeto, coisa, para as outras consciências alvo da liberdade do próximo.

Na perspectiva existencialista de Sartre (1987), essa criança não deixa de existir no mundo em sua natureza biológica predeterminada; falta-lhe ainda uma essência que a torne verdadeiramente humana e livre. Nesse estágio inicial da vida, a criança clariceana é ainda “projeto do outro”, isto é, da família, não de si. Ainda assim, nesse momento inicial, revela-se com possibilidades de vir a ser, porquanto já se inquietar, questionar-se e aos outros, cogitar a possibilidade de haver uma chave externa para sua inteligência: “Mas para tentar apoderar-se da chave de sua inteligência. Na tentativa de descoberta de leis e causas, porém, falhava.” (LISPECTOR, 1998, p.12).

No espaço seguinte da narrativa clariceana, a criança deixa de conjecturar sobre si e a instabilidade percebida em seu mundo exterior a partir de uma possível chave exterior para sua inteligência. Então, “[...] substituiu a instabilidade dos outros pela própria, entrou por um estado de



XI Encontro de
Pós-Graduação
e Pesquisa
Consciência e Paz
Universidade Estadual Vale do Acaraú



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Ciência, Tecnologia
e Educação Superior

instabilidade consciente” (LISPECTOR, 1998, p.12). Há aí um avanço conceptual da criança rumo ao processo de construção da sua essência, mas apesar de perceber parte de sua realidade, de inquietar-se com ela e de ser capaz de identificar os próprios limites, a criança ainda não possui uma consciência de seu poder de optar por uma imagem própria, prevista por Sartre (1987) como decorrente da essência humana. A criança agora acha-se perplexa e estática no seu presente, diante do seu problema, ainda incapaz de formular um projeto para si: “[...] foi aos poucos adivinhando sem nenhuma desilusão, sua tranquila miopia exigindo lentes cada vez mais fortes”. (LISPECTOR, 1998, p.13)

Nesse momento firma-se certa relação entre a chave da inteligência da criança, a instabilidade dos elementos indicadores desse atributo e a crescente evolução da miopia infantil. De fato, teriam os adultos considerados à criança inteligente ou essa fora uma percepção equivocada da própria criança míope? A dúvida parece acentuar-se com a situação delineada na passagem que antecede ao quarto momento: “Por estranho que parecesse, foi exatamente por intermédio desse estado de permanente incerteza e por intermédio da prematura aceitação de que a chave não está com ninguém – foi através disso tudo que ele foi crescendo normalmente, e vivendo em serena curiosidade. (LISPECTOR, 1998, p.12)

Em seguida, a criança recebe a notícia de que passaria um dia inteiro com uma prima casada e sem filhos. Prevendo a segurança na permanência de uma possível instabilidade nos relacionamentos interpessoais, a criança imagina-se já vivendo com a prima adulta um tipo de relacionamento semelhante ao que vivenciava em seu cotidiano familiar: sua sujeição ao olhar do outro, sua capacidade de suportar a instabilidade alheia e a sua. Começa a imaginar diferentes tipos de situações comunicativas e múltiplos perfis comportamentais, sinalizando ser capaz de projetar uma imagem para si numa perspectiva de futuro, bem como de fazer escolhas.

Crê-se que nesse instante da narrativa aplica-se o pensamento sartreano de que o homem é quando faz um projeto de si para si por meio de escolhas próprias que refletem o gozo da liberdade pessoal. Isso é o que a criança do conto parece fazer, afastando-se do ser projeto dos adultos para ser projeto seu. Assim é que, imbuída de “serena curiosidade”, adquirida por meio de suas reflexões e deduções acerca do mundo adulto e de si, que a criança se aventura na visita à prima adulta.

Então, inicia-se o último momento da narrativa, com um desfecho bem ao estilo clariceano: a epifania infantil, associada a um sentimento que beira à angústia. Sartre (1987) prevê os sentimentos de angústia e de náusea ao homem que vê ruírem seus projetos em face dos projetos de



XI Encontro de
Pós-Graduação
e Pesquisa
Consciência e Paz
Universidade Estadual Vale do Acaraú



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Ciência, Tecnologia
e Educação Superior

outros homens, dando-lhe consciência da instabilidade em lidar com sua liberdade e com sua responsabilidade inerente para consigo e para com os outros.

Ao encontrar a prima e conviver durante “um dia” com ela, a criança protagonista constata um inusitado, um não previsto de fatos que a desestabiliza sua subjetividade. De início, é um dente de ouro da prima, jamais presumido pela criança, logo identificado ao conhecer aquela. A seguir, o tratamento que a prima dispensa à criança não corresponde ao que esta imaginara o que antecede um momento semelhante ao descrito por Nunes (1966.p. 93): “[...] quando percebemos a irremediável contingência, ameaçada pelo Nada, dessa existência, é que estamos sob o domínio da angústia, sentimento específico e raro, que nos dá uma compreensão preliminar do Ser.”

O ponto mais alto da epifania infantil centra-se num conflito existencialista: o meninotoma consciência do amor maternal da prima por ele e sabe-se incapaz de satisfazer-lhe a necessidade de ser mãe. Isso parece revelar como se conquista a essência humana na perspectiva de Sartre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aspectos acima analisados constataam o drama da liberdade humana prevista ao existencialismo sartreano, envolvendo uma personagem infantil. Esse drama pareceu ser construído ao longo da narrativa ficcional, por meio do foco que o narrador heterodiegético dá ao processo de construção da essência humana, iniciado a partir da existência da criança.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual Vale do Acaraú -UVA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NUNES, Benedito. **O mundo de Clarice Lispector (ensaio)**. Série Torquato Tapajós. Vol. VI. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.

PENHA, João da. **O que é Existencialismo**. 10 ed. (Coleção Primeiros Passos – vol. 61). São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os pensadores).